

Artista plástico, fotógrafo e professor, Eduardo Vieira da Cunha fala sobre as buscas e desejos que guiam a vida e a criação



reportagem cultural

Entre cores e sombras

Márcio Pinheiro, especial para o JC

Os aviões estão lá. Tranquilos e soberanos sobrevoando a tudo. São coloridos, mas nascem da escuridão, das sombras, das ausências. “A vontade de criar nos leva a penetrar no nosso inconsciente e a olhar nas profundezas. Creio que a inspiração vem daí. Quando alguma coisa foi perdida, quando algo falta, buscamos o conhecimento. É dele que vem a luz para iluminar o caminho”, explica Eduardo Vieira da Cunha, artista plástico, fotógrafo, professor e autor das imagens que ilustram as páginas

desta reportagem.

Eduardo é o filho mais novo de Liberato Salzano Vieira da Cunha, líder político da região de Cachoeira do Sul e que morreu aos 37 anos num trágico acidente aéreo próximo a Bagé. Liberato estava acompanhado da mulher, mãe de Eduardo, que ficou órfão com apenas um ano de idade. “Foi um acontecimento marcante. Por muito tempo, preferi não falar sobre isso. Talvez por defesa, talvez por não querer me sentir diferente dos outros colegas de escola”, conta. “Durante meu doutorado, aprendi a trazer para a reflexão no próprio texto

da tese, esse dado autobiográfico. Pois vi que esses elementos que constituíram nossa história pessoal são muito importantes, e acabam refletidos na obra. Todo o trabalho é, no final, uma autobiografia e um acerto de contas consigo mesmo”, completa.

Mas a arte tem seus desígnios próprios. Vem da lógica e também da incerteza. Mais: não vem apenas do artista, de quem a produz, mas também de quem vê, de quem se interessa, gosta e se identifica. Vem da empatia criada pela obra. “Creio que a inspiração vem de uma necessidade de comunicação, é provocada pela in-

certeza seguida pela resposta vinda da relação com a recepção da obra, ou seja, com o outro, com o observador”, compara Eduardo. “A incerteza na arte é isso: a gente cria, faz algo, mas nunca sabe qual a reação provocará. É uma interrogação. O que me inspira, me move, é esse retorno imponderável, essa resposta do público, que é sempre uma incógnita. Quando acertamos, somos movidos a ir adiante”.

E adiante - aqui e nas próximas páginas - Eduardo, 65 anos, vai falar sobre sua arte e suas inspirações. De como seus trabalhos surgem ainda da fotografia

e até da música e da literatura. E de tudo aquilo que um artista busca: “O que nos move é a possibilidade de comunicação, que vem de um desejo que pode ser uma ausência, uma falta, onde a resposta do público, se é sempre inesperada, nos surpreende e nos completa. Continuamos sempre desejantes de algo que não sabemos bem o que é”. E finaliza: “Desejo é, antes de tudo, ausência. Deseja-se algo pela falta, pela possibilidade de ser completada e nos completar. Se não houvesse ausência, não haveria desejo”.

Leia mais na página central